

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—

17.º Anno — XVII Volume — N.º 548

21 DE FEVEREIRO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Ocidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



DUQUEZA DE PALMELLA

(Cópia de uma photographia de Nadar)



CHRONICA OCCIDENTAL

O grande acontecimento da semana foi a estreia do barytono Maurel no theatro de S. Carlos, e comprehende-se bem isso desde o momento em que Maurel é hoje cotado como uma celebridade no mundo lyrico, o primeiro barytono entre os primeiros, desde o momento em que elle foi, entre todos, o escolhido pelo famoso Verdi para creador das duas operas mais importantes, que n'estes ultimos annos tem apparecido na scena lyrica do mundo — o *Othello* e o *Falstaff*.

Ainda que o nome de Maurel não fosse ha muito tempo illustre, ainda que o seu grande talento de comediante e a sua consumada arte de cantar não lhe tivessem dado de ha muito a sua famosa nomeada, bastaria com certeza essa escolha do grande mestre para lhe dar a celebridade, e comprehende-se portanto a sensação enorme, que não podia deixar de fazer, entre todos que se interessam por assumptos musicaes, a noticia do apparecimento do famoso artista no palco de S. Carlos; comprehende-se o alvoroço, a ansiedade com que o publico de Lisboa correu a encher o theatro de S. Carlos na noite da estreia de Victor Maurel.

E essa ansiedade era tão grande, que desprezando as leis da elegancia, que mandam não se ser pontual a hora de começar o espectáculo, visto essa pontualidade ser considerada ridiculamente burgesa, ás oito horas em ponto estavam todos nos seus camarotes e nos seus logares, e eu, sentando-me no meu logar, cantava um pedaço da *Semiramis* antes de Maurel cantar o *Fausto*, e exclamava como Arsace a entrar em Babilonia — *Ecco me alfine... na plateia de S. Carlos*.

E o meu *alfine* tinha muita razão de ser porque, apesar da estação lyrica estar já perto do seu fim, era essa a primeira noite que eu me sentava na minha cadeira, e que a minha impertinente erysipella me dava licença de ir julgar da companhia de S. Carlos sem curar por informações.

Para mim havia por tanto n'essa noite duas estreias, a de Maurel e a minha.

Não se pôde dizer com verdade que dessemos ambos no vinte.

Eu ouvindo o *Fausto* não fui muito feliz, elle cantando o não foi d'uma felicidade por ali alem.

Quando o *Fausto* se representou pela primeira vez em Paris, — ha trinta e quatro annos, nem mais nem menos, e eu ainda sou do tempo em que o *Fausto* era uma novidade fresquinha! — a critica, apreciando a obra do grande maestro e prestando-lhe as homenagens que ella merece — foi unanime em dizer que o diabo *ne portait pas banheur* ao sr. Gounod.

Pois se o diabo não dava felicidade a Gounod, também entre nós não a deu a Maurel.

E não a deu, não porque o illustre artista não desempenhe primorosamente o papel de Mephistopheles, porque o não represente como em Lisboa nunca fôra representado, apressamo-nos a registal-o, mas porque esse papel, q. e não se presta muito a pôr em relevo as grandes qualidades artisticas de Maurel, deixa a descoberto as deficiencias vocaes do illustre artista, tanto mais quanto é precisamente pelos grandes effeitos de voz, que o papel de Mephistopheles tem feito successo em S. Carlos.

Em primeiro logar o personagem de Mephistopheles é, de opinião dos mais illustres criticos musicaes da França, o unico personagem *manqué* da partitura de Gounod.

O celebre maestro francez não conseguiu traduzir na musica do diabo de Goethe, aquelle diabo essencialmente germanico, que nem o proprio Spohr conseguiu desenhar no seu *Fausto*. A musica de Mephistopheles é geralmente banal, em vez de ser estranha e como personagem phantastico, sobrenatural, o diabo de Gounod faz triste figura ao pé do Bertrand de Meyerber e do Gaspard do *Freyshutz*.

A canção do *Dio del'oro*, evidentemente um dos trechos menos felizes da partitura tem sido em S. Carlos o trecho saliente do Mephistopheles, e tem-n'o sido á força de pujança de voz.

Vem isto talvez da tradição do *Fausto* entre nós, do grande exito que a opera de Gounod teve logo da primeira vez que se cantou em S. Carlos e da interpretação que dava á parte de Mephistopheles o artista que entre nós, o criou e que por essa criação ficou celebre nas reminiscencias de nosso theatro lyrico, o baixo Junca, que possuia uma voz possantissima, e que fazia

do diabo de Goethe um Lusbel de oratoria portugueza.

Os artistas que succederam immediatamente a Junca no desempenho de Mephistopheles seguiram pouco mais ou menos nas mesmas aguas, á excepção do baixo Petit, que deu ao papel uma interpretação inteiramente differente, interpretação que teve as honras de merecer um folhetim na *Gazeta de Portugal* ao illustre escriptor Eça de Queiroz, que, sahido então da Universidade começava a apparecer no mundo litterario.

Representado pela primeira vez em Lisboa, em 1865, o *Fausto*, n'estes vinte e nove annos decorridos tem subido á scena quasi que todas as epochas e são portanto numerosissimas as dynastias de Margaridas, de Faustos, de Valentins, e de Mephistopheles, que existem nas tradições de S. Carlos.

Na dynastia dos Mephistopheles figuram além dos dois artistas já citados os baixos mais illustres que n'estes ultimos annos tem havido na scena lyrica, o Merly, o Castelmano o Vidal, o Uetam, o David, o Nannetti, o Eduardo de Reské — que foi um dos melhores — e d'esses todos os que mais agradaram ao publico foram exactamente aquelles que dispunham de mais potente e volumosa voz.

Ora o barytono Maurel não deve a sua celebridade á qualidade, força e intensidade de voz, deve a á sua primorosa sciencia de cantor, ao seu extraordinario talento de comediante e no papel de Mephistopheles tem muito mais que ver do que ouvir.

O seu canto é correctissimo, mas tem se ouvido cantar assim mais vezes o *Mephistopheles* e tem-se ouvido cantar com muito mais e com muito melhor voz, o seu jogo de scena porém é que é extraordinario como cá nunca se viu fazer.

Cantou muito bem o *Dio del'oro*, mas cantou o sem uma palma, porque artistas com muito menos nome do que elle, tem tirado d'esse trecho muito maior effeito, mas a mimica expressiva com que Mephistopheles ouve o côro das cruces é que é trabalho soberbo de expressão d'um actor consummado e que nunca se tinha feito em S. Carlos.

No 4.º acto, a scena da igreja é representada magistralmente por Maurel, e magistralmente cantada e detalhada a serenata, com umas *nuances* novas, uns effeitos originaes que conquistaram ao grande artista as primeiras palmas, que recebeu do publico de S. Carlos, primeiras e unicas no *Fausto*, porque apesar do seu extraordinario trabalho de comediante, em mais nenhum trecho foi applaudido, mercê da educação muito italiana do nosso publico, que em S. Carlos se enthusiasma muito mais com habilidades de vocalisação do que com primores de interpretação dramatica.

E é por isto que nós dizemos que o diabo não deu felicidade ao sr. Maurel entre nós. Se em vez de se estreiar no *Fausto* se estreiasse n'uma opera como o *Othello*, por exemplo, em que a parte artistica do seu papel dá larga margem a fazer valer o seu grande talento de comediante, em que abunda declamação lyrica, que exige muito mais arte do que voz, a estreia do illustre artista teria com certeza sido uma enorme ovação como o tem sido em toda a parte. Além d'isso no *Fausto* o sr. Maurel apresentou-se-nos muito mal acompanhado.

O ensemble da opera é menos do que mediocre; por mais d'uma vez despertou ruidosa pateada ou gargalhadas hilariantes e com certeza isso não contribuiu pouco para a falta de enthusiasmo do publico.

Não tinhamos visto ainda nenhuns dos artistas da actual companhia lyrica, e os que vimos no *Fausto* não nos deixaram muitas saudades de não termos ha mais tempo feito o seu conhecimento, mas para não sermos injustos e construirmos uma opinião sobre o acaso d'uma noite pouco feliz, ou d'uma opera avessa aos seus recursos, reservamos para mais tarde a nossa apreciação a respeito d'elles.

Além de tudo isso a opera foi no seu conjuncto desempenhada com muita hesitação e por vezes com bastante desafinação, como por exemplo a marcha e côro do quarto acto, que foi recebida com violentas manifestações de desagrado.

E tudo isso concorreu para que a estreia de Maurel não fosse das mais felizes, e a nossa estreia das mais auspiciosas.

Esperamos a desforra, duas desforras, a minha como espectador e a d'elle como cantor, no *Othello* e no *Falstaff*.

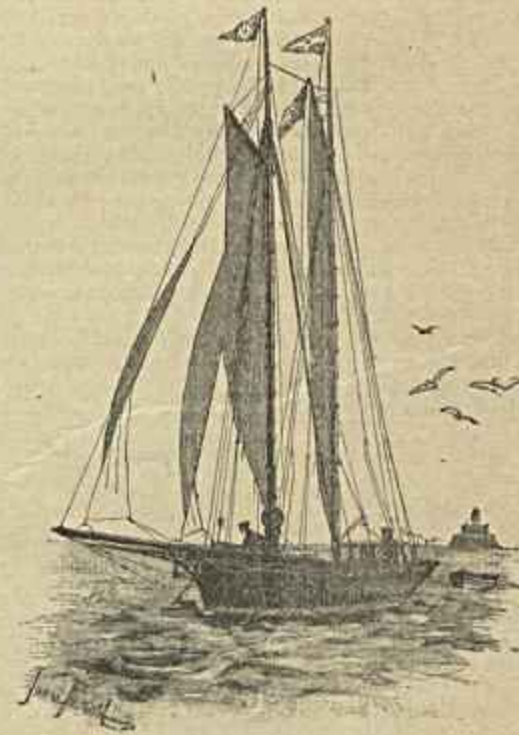
Gervasio Lobato.

sociedade, a duqueza de Palmella tem a aureolar, lhe todas essas grandezas, como que a divinisa-as a mais santa e mais querida de todas as grandezas humanas: — a grandeza d'alma, a grandeza do coração.

Primeira entre as fidalgas pela sua suprema elegancia, pela sua alta distincção; primeira entre as artistas pelo seu talento prestigioso, que todos os dias se afirma radiantemente em primorosas esculpturas, que são não só uma gloria para a artista como também um triumpho para a arte portugueza; primeira entre as benemeritas da nossa terra pelo Bem que em torno de si espalha, com mãos prodigas, é sob toda a parte onde ella apparece faz destacar salientemente a sua fina linha aristocratica dos grossos traços afidalgados, da burguesia endinheirada e enobrecida improvavelmente, como o brilhante verdadeiro se destaca pelas irradiações fulgurantes das suas facetas purissimas, d'entre as joias falsas e as minas novas trabalhadas commercialmente para o regimen do Postiço e do convencional, que domina, como senhor absoluto, as sociedades modernas.

Esculptora, a duqueza de Palmella não seguiu a tradição dos amadores e em vez de entrar n'esse grupo, desgraçadamente tão numeroso, de curiosos, que fazem consistir a sua gloria em fazer aquillo que não sabem fazer, dedicou se ardentemente ao estudo da arte e de ha muito que disputa primarias com os verdadeiros artistas, equalando-os muitas vezes, excedendo-os algumas, como ainda ha pouco o demonstrou triumphantemente n'essa brilhante exposição de escultura, por Sua Excellencia promovida, e que, com as apparencias despretençiosas de ser apenas um auxilio prestado a uma obra pia iniciada por uma sua amiga intima, se transformou, mercê do alto merecimento das obras d'arte expostas, n'um verdadeiro acontecimento artistico do nosso paiz.

Riquissima, a duqueza de Palmella põe a sua riqueza ao serviço d'um espirito excepcionalmente artistico, que tem o segredo de todas as elegancias, d'um coração excepcionalmente bondoso, que tem o segredo de todas as delicadezas.



YACHT SURPREZA

A DUQUEZA DE PALMELLA

Grande pelo talento, grande pelo espirito, grande pelo nascimento, grande pela riqueza, grande pela posição proeminente, que occupa na nossa

Os seus palacios são verdadeiros museus em que se accumulam thesouros d'arte de inapreciavel valor: o seu *atelier* de esculptora é um deslumbramento de supremo bom gosto, as suas equi-

pagens distinguem-se entre todas pelo seu tom d'alta elegancia, e em tudo impera essa nota de requintada distincção e de originalissima personalidade, que é o caracteristico da duqueza de Palmella.

Acompanhando este artigo damos a gravura d'um lindo yacht de recreio pertencente á sr.^a duqueza e registado na Real Associação Naval.

É um bello barco de 72 toneladas, que foi baptisado com o nome de *Surpresa* e que de surpresa lhe foi offerecido por seu marido, o sr. duque de Palmella, illustre official da marinha portueza e distinctissimo fidalgo, que para esse fim o comprou, ha annos, em Inglaterra.

Do mesmo modo, que a sua opulencia tem o cunho original da sua distincção de fidalga, a sua caridade tem o cunho original da sua formosissima alma de mulher.

Não se limita a ser caritativa a duqueza de Palmella, é mais de que isso — é benemerita. A sua caridade não se restringe a umas certas e determinadas familias pobres, não selecciona os seus protegidos: dirige-se a todos, abrange a pobreza, a miseria, indeterminadamente e é d'isso prova a instituição das cozinhas economicas, que tão relevantissimos serviços estão prestando aos pobres de Lisboa, instituição que hade ficar na Historia da Beneficencia portueza, ao lado das misericordias, dos hospitaes, das creches, e d'essa santa instituição do dispensario das creanças, uma das corôas de gloria da augusta e querida rainha dos portuguezes Sua Magestade a Senhora D. Amelia.

A pessoa, que tem a honra de escrever estas linhas, teve a boa sorte de estar ao lado da duqueza de Palmella, quando, no seu gentil e elevado espirito começou a tomar vulto a idéa da benemerita instituição das cozinhas economicas, e teve occasião de vêr o enthusiasmo, a alegria, a dedicação com que S. Ex.^a trabalha para pôr em pratica esse humanitario pensamento.

A primeira tentativa não deu o resultado desejado. A duqueza não desanimou: continuou a trabalhar activamente, ardentemente na realisação d'essa santa idéa e por fim venceu, triumphou e as cozinhas economicas ahí estão para felicidade dos necessitados, dos desherdados da fortuna. E estou certo que por mais felizes que os pobres se sintam com os benéficos resultados d'essa nova instituição, ha quem se sinta ainda mais feliz do que elles: — a duqueza de Palmella, que matando a fome aos desgraçados, suavizando as tristezas, as agruras de todos que padecem, do mal da miseria, sente o prazer e alegria enormes de todos que, como ella, tem o santo egoismo do Bem, esse egoismo que faz encontrar a maior felicidade, na felicidade que de nós deriva, na felicidade que em torno de nós fazemos nascer.

Da mesma maneira que como artista a duqueza de Palmella faz simplesmente arte pela arte, como benemerita faz simplesmente o bem pelo bem. Nos philosophos, a esmola vem do cerebro e chama-se philantropia; nas mulheres vem do coração, e chama-se caridade, e do mesmo modo que os grandes poetas advinham e resolvem inconscientemente, pelo mysterioso poder do genio, os mais complicados problemas da philosophia humana, as mulheres privilegiadas, como a duqueza de Palmella, advinham e resolvem, unicamente pelo mysterioso impulso do coração, sem leitura de tratadistas nem locubrações de theorias intrincadas, os mais graves problemas da philosophia social.

Quem sabe se estaremos em frente do caminho para uma d'essas resoluções?

Seja assim ou não, o que se sabe com certeza é que se está em frente d'uma grande obra, d'um grande coração e por isso todos, pobres e ricos, abençoam a duqueza de Palmella.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

A GUERRA HISPANO-MARROQUINA

MAHOMED BEN YEMEDA E O PRINCIPE MULEY ARAAF

Chegou enfim a bom termo a guerra declarada a Marrocos pela Hespanha, e que tanto sobresaltou os espiritos, pelas terriveis consequencias que poderia ter se se chegasse a ferir, attentas as pretenções que outras potencias tem sobre o paiz marroquino.

Foi ainda a prudencia e tino do sultão de Marrocos, secundado pela não menor prudencia e tino do governo hespanhol, que souberam ataihar a tempo esta guerra, que nenhum facto de boa politica acendia entre os dois paizes.

Depois do que deixamos escripto a pag. 243 do volume antecedente, dando noticia da morte do general Margallo e da nomeação do general Macias para governador da praça de Mellila, foi nomeado o general Martinez Campos, general em chefe do exercito de operações em Africa, e continuaram a ir de Hespanha grandes forças militares para occuparem as possessões hespanholas em Marrocos e reforçarem as tropas que as guardavam.

Houve um momento em que pareceu impossivel entrar em negociações com as kabilas, e até os proprios emissarios do sultão encontraram forte resistencia em pacificar aquella gente indomita.

Felizmente, porém, sempre conseguiram reduzir á obediencia das ordens do Sultão as kabilas e desde então começaram as negociações para a paz entre os dois paizes, sendo reconhecido aos hespanhoes o direito de construirem as suas fortalezas nos territorios que lhes pertencem n'aquella parte d'Africa.

Os medianeiros d'esta paz foram o principe Muley Araaf, irmão do sultão e por este encarregado de submeter as kabilas rebeldes, e que dispozo de poucas forças se valeu mais dos seus dotes diplomaticos do que das armas insufficientes para conseguir o seu fim, e Mahomed ben Yemeda, baje do campo fronteiro de Mellila, o qual com as suas boas diligencias, conferenciando com o general Martinez Campos e reprimindo por todos os modos a rebeldia dos seus subordinados, secundou fortemente os esforços do principe Muley Araaf para se chegar a uma completa pacificação e se concluir a paz.

N'esta guerra foi dos mais importantes o papel que tiveram estes dois marroquinos, e ainda agora o está sendo na questão de indemnisação de guerra exigida pela Hespanha, a qual está, segundo parece, fixada em vinte milhões de pesetas, ultimo accordo a que as partes tem chegado.

NAVIO ROLANTE BAZIN

O novo transporte maritimo de que hoje damos uma idéa aos nossos leitores na gravura da pagina 43, está destinado a produzir a maior revolução possível na navegação a vapor, parecendo, senão ser a ultima palavra sobre transportes, pelo menos estar muito perto d'ella.

É a França, a grande nação, que se deve esse desideratum o que sobremaneira honra esta republica, que envidando todos os esforços para engrandecer a civilisação, se engrandece tambem.

Vão-se construir mais tres navios segundo este modelo, prestando ao mundo maior facilidade de communicações, estreitando assim os laços internacionaes.

Diremos já que este navio pôde fazer a travessia do Havre á America em quatro dias e sete horas, o que lhe dá vantagem sobre o *Campania*, o maior navio e de maior velocidade actualmente conhecido, que a faz em 5 dias, 12 horas e 7 minutos.

Assim, iremos descrever o notavel navio, socorrendo-nos do n.^o 5 dos *Annaes do Club Militar Naval*.

Nos referidos annaes encontramos as seguintes informações obsequiosamente ministradas pelo sr. Joaquim Mattoso da Camara, deputado da nação, que assistiu ás experiencias realisadas com o modelo do novo transporte, denominado pelo seu auctor *Navire express-rouleur Bazin*.

O fim que o sr. Bazin se propoz foi diminuir, em proporções consideraveis, as resistencias que encontram na sua marcha os navios actuaes, transformando os attrictos de escorregamento em attrictos de rotação; e, com effeito, obteve a rapidez da marcha verdadeiramente prodigiosa, de 30 a 34 milhas por hora para um navio de 5.000 toneladas, approximadamente, com machinas que apresentam um conjunto de força avaliada em 10.000 cavallos de 5 kilogrammetros. Os transatlanticos mais rapidos tem 20 a 22 milhas de velocidade, 10.000 a 15.000 toneladas e machinas de 20.000 a 25.000 cavallos com extraordinario consumo de combustivel.

A construcção dos navios rolantes é muito mais economica que a dos actuaes e pôde effectuar-se com grande rapidez, sendo facil reparar qualquer avaria.

Um navio *Bazin* de 5.000 toneladas, com boas qualidades, fazendo o serviço postal com subvenção, levará 400 passageiros de 1.^a classe e 500 toneladas de carga.

Com o seu andamento regular, partindo do Havre, chegará a New-York setenta horas mais cedo que qualquer dos mais velozes paquetes actuaes, e, não tendo necessidade de augmentar o preço das passagens, obterá seguramente a preferencia dos viajantes.

O navio do sr. Bazin, consta de oito fluctuadores ou carenas *rolantes*, de fórma lenticular, ligadas duas a duas por eixos sobre que assenta uma plataforma onde se alojam as machinas, combustivel, carga, tripulação e passageiros. Os fluctuadores mergulham um terço do seu diametro, isto é, 8 metros; no trilho têm um entalhe que pelo movimento da roda fórma na agua um carril destinado a augmentar a estabilidade do navio, principalmente quando haja grande vaga do través.

Pôde, comtudo, dispensar-se este entalhe se os eixos das rodas forem bastante compridos, para que ellas estejam sufficientemente afastadas.

O propulsor pôde ser de helice ou de roda; é collocado entre os dois fluctuadores da pôpa, e movido por machina especial e independente das que actuam os fluctuadores.

Estes livres e moveis nos seus eixos, não girariam pelo simples impulso do propulsor; pelo contrario offereceriam a resistencias de fricção e pressão das carenas ordinarias, emquanto que, fazendo as girar, quando avançam, rolam.

A fricção da parte mergulhada devida á rotação de um fluctuador dá-lhe a adherencia necessaria ao rolamento e determina a formação do carril hydraulico ficticio sobre que rola quando é impellido, não havendo outras resistencias além dos attritos lateraes do meio em que se move.

O sr. Bazin calcula que o caminho percorrido utilmente durante a revolução de um fluctuador, sendo bem estabelecida a correlação entre a rotação e a propulsão; e que a amplitude dos balanços de pôpa a proa e de bombordo a estibordo serão inferiores aos dos navios de carenas fixas.

A *Société des forges et chatiers* começa brevemente a construcção do navio, rolotante com as seguintes dimensões: comprimento total 130^m, largura total 30^m, o diametro dos fluctuadores 24^m, e a espessura é de 9^m, diametro dos eixos 0^m,075. Os fluctuadores deverão fazer 32 revoluções por minuto com o andamento de 57 kilometros por hora, dando ao navio a velocidade de 30 milhas, com a força total de 10.000 cavallos, repartida em duas forças distinctas; 2.400 para a rotação e 7.600 para o propulsor de roda. Na navegação fluvial apresenta grandes vantagens o systema do sr. Bazin; porque sendo o deslocamento das aguas principalmente no sentido vertical, que em pouco damnificará as margens dos rios ou canaes apesar da enorme velocidade do barco.

Os oito fluctuadores rolantes são de chapa de aço, com armadura interior.

O seu deslocamento, mergulhando um terço da altura, é: $681,540 \times 8 = 5,452$ metros cubicos.

O peso dos oito fluctuadores é de 1.280.000 kilogrammas, o peso dos quatro eixos é de 376.000, dando um total de 1.656.000 kilogrammas. O peso que podem supportar é pois de $5,452 - 1,656 = 3,796$ toneladas, unico a distribuir pelas vinte chumaceiras, o que dá 189 toneladas por chumaceiras; porque o peso dos fluctuadores e dos eixos não deve entrar no calculo nem de peso, nem de fricção nas chumaceiras, visto assentar a plataforma nos eixos collocados sobre e no centro dos fluctuadores, que são os verdadeiros pontos de apoio.

O trabalho consumido em cada revolução por um eixo sobre a chumaceira é igual a

$$N f \times 2 \pi r$$

N é a pressão, 189 toneladas f (ou 0,05) e coe-ficiente de fricção do aço sobre o bronze; $2 \pi r$, o caminho percorrido n'uma revolução;

22, o numero de revoluções por minuto;

r (0,375) o raio de um eixo.

O calculo, expresso em cavallos, foi feito da seguinte fórma:

O espaço percorrido é $2^m,355 \times 22 = 51^m,81$ por minuto ou $0^m,8635$ por segundo, e effeito util é $(189,000 \times 0,05)$ ou $10,450 \times 0,8635 = 8,160$ kilogrammas que divididos por 75 dá, para cada revolução de eixo um consumo em fricção de 108 cavallos para cada chumaceira, portanto, para as vinte chumaceiras 2.160 cavallos e pôde dispor-se de 2.400 cavallos de 75 kilogrammas, levando em conta a resistencia dos attrictos lateraes.

Para calcular a velocidade o sr. Bazin partiu do principio estabelecido por numerosas experiencias: que o caminho utilmente percorrido por uma revolução do fluctuador é 60 por cento do caminho feito pela circumpherencia d'esse fluctuador.

A CUERRA HISPANO-MARROQUINA



MAHOMEDE BEN YEMEDA



PRINCEPE MULEY ARAAF

MEDIANEIROS DA PAZ ENTRE MARRUCOS E HESPAHIA

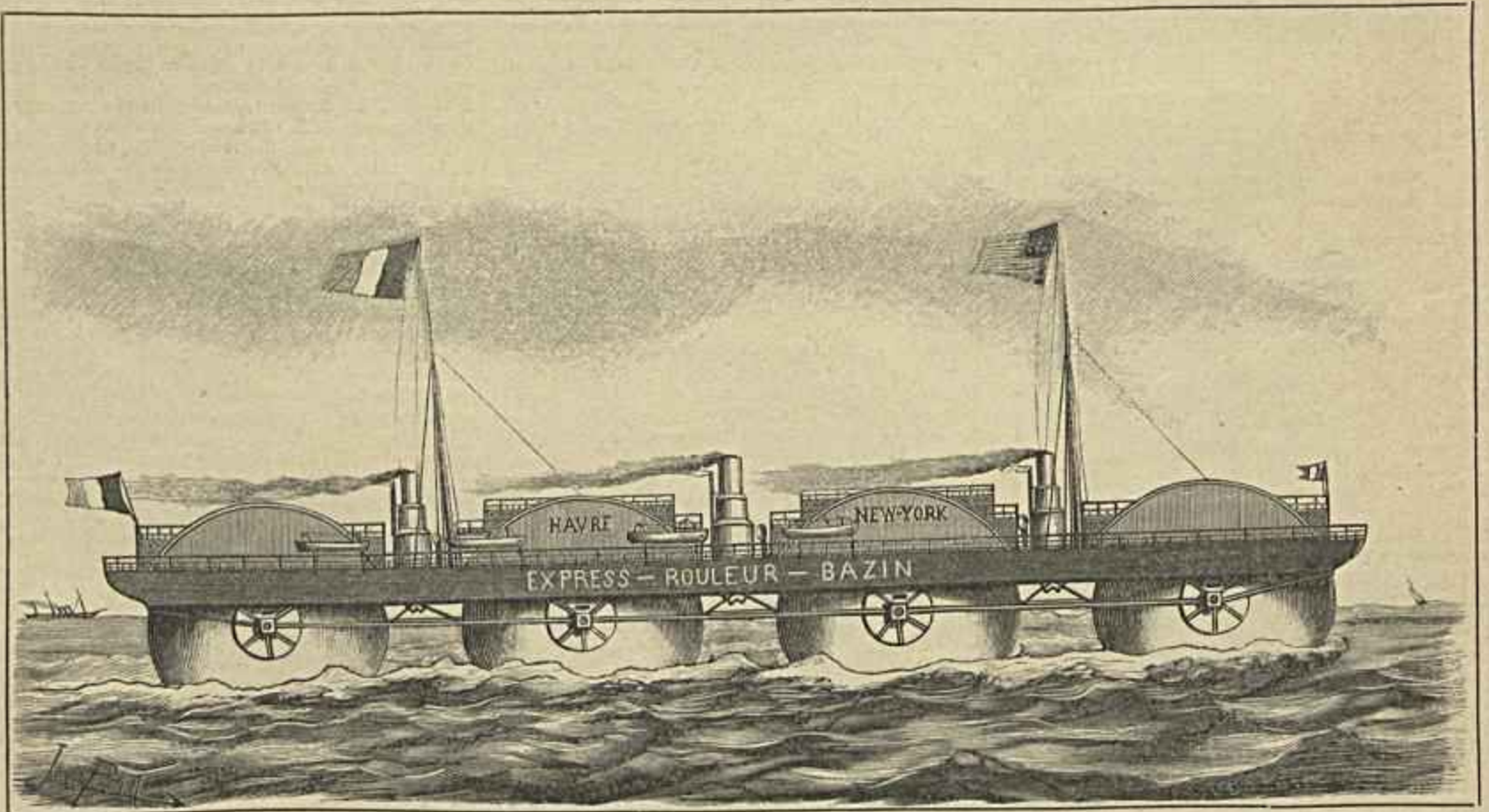
Portanto em numeros redondos, um fluctuador de 22 metros de diametro com um terço do seu diametro mergulhado, fazendo 22 revoluções por minuto, e convenientemente impellido, percorreria 950^m.4 por minuto. Diametro 24×3 (circumphe-rencia, approximadamente) e 10 por cento de ca-minho utilmente percorrido dá 4320 por revolu-ção para 22 voltas por minuto o que dá 950,40

metros n'um minuto o que n'uma hora dá 57,024 00 ou 57 kilometros ou 30,7 milhas.

Com esta velocidade o *Express-Bazin* percor-rerá em 103 horas 5:871 kilometros, isto é, 1,463 leguas e a distancia do Havre a New-York é de 1,463 leguas, o que nos dá este trajecto feito em quatro dias e sete horas!

Não é este o primeiro trabalho do illustre en-

genheiro francez, já em 1874 a revista *Le Monde Illustré*, no seu numero 915 nos dá noticia do in-vento de um navio expresso, destinado como este de que damos a gravura, a fazer transportes entre o Havre e New-York, e não só este importante trabalho mas tambem sabemos da construcção d'uma draga segundo um seu modelo destinada aos grandes trabalhos da canalisação do Neva, de



NAVIO ROLANTE «BAZIN» — DESTINADO ÀS CARREIRAS ENTRE O HAVRE E A AMERICA DO NORTE

(Desenho do sr. José Pardal)

S. Petersburgo a Cronstadt. Pelo visto, se deprehende quanto ha esperar de tão notavel e pres-timoso innovador.

MADRID — PRAÇA DA «PUERTA DEL SOL»

Outro logar do OCCIDENTE publicamos o artigo respeitante à nossa gravura, a *Puerta del Sol*, e que é um excerpto das impressões de viagem, que o nosso illustre amigo sr. Conde de Valençães, publicou em 1887, no *Diario Popular*.

A esta folha e ao sr. Conde de Valençães pedimos venia pela transcrição, convictos de que os nossos assignantes não de agradecer-nos a revivencia de prosa tão viva e animada, e que bem nos faz sentir e ver a phisionomia especial, a feição característica d'aquella praça, a primeira de Madrid.

nos por occasião do conflicto internacional de 1879, em que deu provas de grande capacidade e sagacidade politica, a par de um acrisulado amor patrio, em situação tão defícil para o seu paiz.

A elle deve, em grande parte o Peru a paz que desfructa ha mais de dez annos. Do seu valor militar tambem deu provas inequivocas na defeza nacional, quer combatendo como soldado, quer afirmando os seus altos dotes de comando.

Por tres vezes presidente de ministros, foi eleito nas ultimas eleições vice presidente da Republica do Peru.

E' pois, um diplomata dos mais distinctos que o Peru enviou à Europa a representar o seu governo n'estas duas côrtes da Peninsula Iberica, que tão estreitos laços prendem aquelles povos americanos.

As tres da tarde, vereis as portas do Café Universal, ou derivando sobre a *calle* de S. Jeronimo, rodeados de ingenuos admiradores, os *toreros* populares de Madrid: — Rafael Molina (o Lagartijo); Guerrita (o discipulo amado de Frasqueio¹); Julio Aparici (Fabrillo); Cara Ancha; Antonio Arana (Jarana); Hermosilla; e o elegante Luis Mazzantini; — para o lado do ministerio da *Gobernacion*, os pretendentes da provincia, que sobem e descem, em cata de emprego, as escadas d'aquelle palacio do governo; — ao bello do sol da peninsula, silentes em sua indiferença consoladora, e sentados nas bordas do tanque, os vadios; — e, atravessando a praça, leves, palroiras, vistosas com seu elegante penteado, chales de ramagens, e voluvel *abanico*, — as *chulas*. Innumeros cidadãos de chapéo alto, escovados, barbeados, bem calçados, muito urbanos, sorridentes, felizes, mesmo os velhos, vão pelos passeios que



MADRID — PRAÇA DA «PUERTA DEL SOL»

D. PEDRO ALEXADRINO DEL SOLAR

Ministro plenipotenciario do Peru,
em Madrid e Lisboa

O ministro plenipotenciario o sr. D. Pedro Alexandrino del Solar, que a Republica do Peru enviou à côrte de Madrid e de Lisboa, como seu representante, é um dos politicos mais notaveis d'aquelle paiz, pelo seu saber e fina diplomacia.

Desde os seus primeiros estudos revelou tão decidida vocação para o cultivo das sciencias, que aos vinte annos apenas de idade, era já um cathedraico e aos trinta decano da faculdade de sciencias e jurisconsulto notavel.

Exercendo por alguns annos a profissão de advogado, foi depois nomeado juiz do Tribunal Supremo de Justiça, no Peru.

Em 1860 foi eleito deputado e depois senador, distinguindo se no congresso, pela sua eloquencia e tacto politico, o que lhe grangeou a estima, admiração e respeito dos seus conterraneos amigos e adversarios politicos, não se distinguindo me-

NA «PUÉRTA DEL SOL»

É a quinta vez que atravesso por Madrid; e agora a encontro mais em augmento, mais espaçada, mais alegre e ruidosa.

Na *Puerta del Sol*, o coração da cidade, é aonde se escutam as grandes palpitações da sua vida. Desde manhã tem voz; ao cair da tarde, porém, essa voz percorre todas as notas da escala musical. E' no som, o que o arco-iris é na luz, — tem todas as côres. Para o viajante não existe outro logar mais feliz; nem se ouvem lamentos, nem se descobrem andrajos.

Em 1883, quando aqui passei para Italia, a luz electrica, illuminando à noite a *Puerta del Sol*, dava-lhe um novo realce. O repuxo do enorme tanque, que marca o centro da praça, lançando aos ares o seu *bouquet* elegantissimo, compunha com o azul do céu e as figuras dos tranzeuntes, vagamente esclarecidas, um quadro paradisiaco, semelhante às grandes telas de Puvís de Chavanes. Hoje, aquella hora o quadro é differente; mas, sendo os frequentadores os mesmos, é sempre pittoresco, unico, original.

colleiam a praça; e gesticulam e todos se cumprimentam:

- D. José.
- D. Antonio.
- D. Manuel.
- Vaya usted con Dios.
- Adiós Paco.
- Besos a los niños.
- Ay qué gracia, marqués.
- A los piés de usted, señora

E' o que se ouve. Misturada de gente, confusão de vozes; em que muita vez a guitarra põe a musica alegre da *seguidilla*; a harpa os compassos melodicos das canções italianas; ingente e borborinhado concerto, de que os pregões dos jornaes são a nota alegre, viva, cantante, e o romorejo monotonico e plangente do repuxo, os bordões ou a segunda. Tudo festa, tudo orchestra!

Na Europa não se encontra outra praça tão pittoresca.

¹ Guerrita é o discipulo predilecto de Frasqueio, que, deixando a arena (maio de 1890), lhe contou a espada com que acabava de matar *Reglou*, o seu ultimo touro.

A' noite alli jorram luz sobre os transeuntes, o Café Universal, o Oriente, o de Correos, o de Lisboa, o de Levante, o café das Columnas; alli os livreiros ambulantes apregãoam, com voz roufenha e arrastada, *La Condesita, La Chula, Los misterios del Saladero, Los misterios de la calle de Panaderos*; alli rapazes de todas as edades e mulheres que já não a teem, voz em grita, correndo, offerecem os jornaes:

El Motin, periodico satyrico, com caricaturas; notavel em sua propaganda contra os curas;

La Republica, federalista, orgão do sr. Pi y Margall;

La Epoca, periodico hem redigido, conservador; orgão do sr. Canovas del Castillo;

El Imparcial, de tendencias democraticas, hem redigido, e com excelente serviço telegraphico especial; orgão dos srs. Sagasta e Gamazo;

El Liberal, folha democratica, que discute admiravelmente as questões politicas;

La Correspondencia, periodico de boa informação e desempenhando cabalmente o seu proposito de jornal noticioso;

La Ilustración española, semanaris de grabados; *El Mundo Comico*, *La Semana Comica*, graciosos e com caricaturas;

E finalmente, *El Madrid Politico*, *El Correo*, *El Globo*, *El Clamor*, *El Dia*, *El Cencerro*, *El Torero*, *La Lidia*, *La Nueva Lidia*, *El Tio Guindama*, *La Viena*, *La Broma y el Hambre*, e tantos que aguçam, espevitam, reflectem a opinião publica de Hespanha; periodicos exuberantes de graça, repletos de informações, coloridos, dramaticos, em todos primando a paixão politica, serios ou travessos, já-mais fallidos de interesse.

As creanças, veem-nas aqui mostrar, cobertas de rendas, plumas e fitas; e, se morressem todas no instante em que assim as trazem a publico, o nosso céo catholico teria lindos cherubins. São bandos de pombos, a que houvessem cortado as azas; um encanto!

As proprias mães e as raparigas da alta roda ou as do povo, ainda ostentam excelsas formosuras, consoante a que serviu de modelo ás virgens mestas de Murillo ou ás travessas *majas* de Goya. Ainda conservam d'aquella se d'estas, das virgens e das *majas*, os negros olhos retintos; e, harmonizando ao céo da peninsula, ardencia de suas paixões e sonoridade da sua lingua, orgulhosa e pittoresca, — ainda conservam as côres vivas, que distribuem pelas faces, nas plomas, nos laços dos chapéus, por vezes nas mantilhas, sempre nos vestidos. Mesmo trajando as modas de França são hespanholas. E é vê-las, quando atravessam a praça em direcção ao Retiro; e nos domingos, quando descem a *calle de Alcalá*, no regresso dos toiros. E' vê-las então, pleiteando vaidades, quasi estendidas em seus grandes *lindaus*, d'onde apenas se dignam inclinar a cabeça, se passa alguém das suas relações.

Olham com desdem a vaga humana, onde, d'entre o marulho confuso das vozes, ha gritos de admiração a agradecer-lhes aquella indiferença espectacular, por ir emmoldurada n'um elegante carro de Mull Bacher ou de Binder frères, e vestida de sedas e plumas pelo costureiro Worth ou por madame Doucet.

E acabei de escrever estas linhas, no hotel de *La Paix*, era meia noite. O ruido da *Puerta del Sol* findára, depois de ter diminuido gradualmente; e apenas a voz alegre de um transeunte noctívago quebrava o silencio da praça com os seguitos versos, a zombarem do relógio que encima o palacio da *Gobernacion*:

— Esse reloj tan fatal
Que hay en la *Puerta del Sol*,
Dijo a un turco un español.
Por qué anda siempre tan mal?
El turco, con desparpajo,
Contestó, cual perro viejo:
— Ese reloj, es el espejo
Del gobierno que hay debajo.

Conde de Valenças.

Concurso para o monumento do Infante D. Henrique no Porto

(Concluido de n.º 515)

Em resumo o projecto do sr. Terra, apesar de bem estudado, das bellezas que encerra e do

seu todo oppulento, não cremos que podesse ser executado, mesmo mediante quaesquer modificações que se lhe fizessem.

E pena que não fosse apresentado em relevo, para melhor se avaliar o seu effeito decorativo.

Passemos agora aos projectos moldados em gesso, occupando-nos em primeiro lugar do do escultor o sr. Antonio Teixeira Lopes, que tinha por divisa:

Por mares nunca d'antes navegados

Formou-se por um momento em volta d'este projecto uma corrente de admiração que nos surpreendeu, subindo de ponto a nossa surpresa quando vimos dizerem-se a respeito d'elle as cousas mais extraordinarias, sendo aliás essas cousas proferidas por pessoas de uma indiscutivel illustração.

Ora é preciso que nos deixemos de phantasias e que vejamos as cousas como ellas devem ser olhadas.

O projecto do sr. Teixeira Lopes, é um completo disparate.

Não querendo o artista associar-se a um architecto nem mesmo ouvir o seu conselho, e desejando além d'isso fazer uma cousa no seu entender, bem original e desusada, entregou-se á sua imaginação, e deu-nos um mistiforio sem senso commum. E senão, vejamos:

O projecto consiste em duas pópas de embarcações, reunidas, pendendo de cada uma d'ellas uma ancora e festões de flores.

Ao centro ergue-se uma columna, phantasiando um mastro, visto ter pendente do centro uma verga com a respectiva vella enrolada e dos lados as enxarcias, ou um mastro, phantasiando uma columna, visto ter capitel e base.

Encostada a esse mastro vê-se, de pé, a figura do Infante, de gibão e com o chapéu trdaiccional. Apresenta-se em attitude meditativa, encostando o rosto a uma das mãos e tendo na outra um mappa.

Na parte posterior destaca-se na base do mastro ou columna, sentada a figura da Immortalidade, segurando nas mãos uma facha com a divisa do Infante «*Talent de bien faire*». Diremos de passagem que esta figura é de uma concepção infelicissima. Faz lembrar, pela attitude e pela facha que tem nas mãos, aquelles anjos dos presepes, mostrando a fita com a conhecida «*Gloria in excelsis Deo*» etc.

Finalmente no sitio em que se unem as pópas dos navios, isto é, ao centro, destaca-se de cada lado, a figura de um leão, personificando, sem duvida, a força.

Ora agora expliquem-nos o que significam aquellas duas pópas de navios, unidas, tendo ao centro uma columna com uma verga e vela pendente. Se o artista queria representar a navegação, porque não modelou então uma caravela completa, no centro da qual avultasse a figura do Infante? Depois, aquelles leões juntos ao costado das pópas são tambem de um ideal phantastico.

E agora, com relação á estatua, o que exprime ella?

No seu trage e na attitude, tanto pôde ser a figura do Infante D. Henrique como a de Gil Vicente.

Tanto pôde exprimir um maritimo, como um philosopho ou um poeta.

E demais a *pose* d'aquella estatua é de uma vulgaridade flagrante.

Mas ainda outra pergunta. Pôde admittir-se que a figura de um heroe como o de que se trata, se apresente voltada para a rectaguarda de um navio? O que deseja elle, desvendar o desconhecido, ou olhar para o espaço transitado?

Somos um dos mais entusiasticos admiradores do talento de Teixeira Lopes como escultor.

No projecto, porém, que apresenta, lamentamos que elle não se aconselhasse com um architecto, que o não deixaria cahir em tão irrisorias incongruencias.

Deixou-se ir pela mão da sua phantasia e o resultado foi dar-nos um projecto de monumento completamente nephelibata.

Um outro projecto que o mesmo artista apresentou, de sociedade com seu pae o sr. José Joaquim Teixeira Lopes tinha por divisa.

Sagres

Na frente de um pedestal, de uma extrema falta de elegancia, destaca-se a figura do infante, sentada, com a perna familiarmente cruzada, tendo sobre os joelhos um mappa, e apoiando o rosto, em ar meditativo, na mão esquerda. O Infante

traja vestes compridas e cobre-se com o conhecido chapéu.

No mesmo plano e na parte posterior, vê-se, tambem sentada, a estatua da Inspiração.

O pedestal é sobrepujado por um grupo representando, segundo cremos, o genio das descobertas dominando os povos.

Finalmente, da base do monumento irrompem, de cada lado, as prôas de duas embarcações com o vellame enfunado.

A figura do Infante, se bem que tenha uma attitude pouco monumental, não deixa de apresentar certa expressão.

Muito melhor do que esta porém, é a estatua da Inspiração, que apresenta modelação mais inspirada e uma graciosidade de contornos que seduz.

Quanto ao grupo que encima o pedestal, se bem que muito decorativo e de um aspecto attrahente no seu conjunto não nos satisfaz. Não fallando já nas proporções acanhadas do cavallo, aquelle Genio, de pé, sobre o animal n'uma attitude academica faz-nos lembrar a figura equestre de um circo de cavallinhos. Depois aquella amalgama de corpos de homens e de pequenos genios, uns esmagados pelas patas do cavallo, outros surgindo debaixo do ventre do animal, outros finalmente encarapitando-se nas ancas, no dorso, etc., assustam-nos pelo mixtiforio.

Além d'isso que resultado daria o aspecto d'esse grupo, depois de definitivamente executado?

O projecto enviado pelo architecto o sr. José Marques da Silva, tinha por divisa.

Luçitania

Consiste esse projecto em uma especie de caes, formado por uma larga muralha, em semi-circulo, tendo nas extremidades as legendas: de um lado «*Oriente*» e do outro «*Occidente*».

Ao fundo, sobre um pedestal cylindrico, em que se vê o brazão de armas do Infante, ergue-se a figura d'este, sentada, de chapéu e vestes compridas, tendo sobre o joelho esquerdo um mappa, e apontando com o braço direito estendido, para o Oriente.

A base do pedestal é rodeada pelas estatuas, sentadas, do Genio da Sciencia, da Guerra e da Navegação.

Em baixo, um leão, com a legenda «*Ceuta*», symbolisa a Força.

Da muralha irrompem as prôas de quatro caravellas, sobre as quaes se vêem grupos allegoricos symbolizando a Conquista, a Religião, a Africa e o seu commercio e a India e as suas riquezas.

Em varias placas estão indicados os nomes dos principaes descobridores e as terras descobertas, isto é, a Passagem do Cabo Bojador, as ilhas de Arguim, e Rio do Ouro, dos Açores e de Cabo Verde.

Finalmente dão accesso para um terraço que se fórma na parte posterior do monumento, dous lanços de escadas que partem dos extremos das muralhas.

O monumento tem por base principal uma grande taça ou lago.

Ora aqui está um projecto que parecia dever merecer as boas graças do respectivo jury, não só pela sua originalidade, como pelo seu aspecto grandioso, e que podia ser executado mediante algumas ligeiras modificações.

A estatua d'este projecto é a mais caracteristica e melhor modellada, de quantos se apresentaram no concurso.

Talvez a sua attitude, sentada, amesquinhe um tanto as dimensões da figura, mas isso era facil remediar-se, dando-se a essa estatua proporções mais collossaes.

A ideia da taça, julgamos-a feliz, mas isso cremos que foi uma das causas da repulção do jury, ao qual a agua parece repugnar.

E note-se que não se tratava de fonte monumental, pois no projecto não ha repuchos, nem bicas, nem cousa semelhante.

As dimensões do monumento não seriam demasiadas para a praça onde vae ser erguido, pois por uma planta do terreno, que o artista juntou, vê-se que elle indica até um novo plano de ajardinamento, onde haveria logar para estatuas dos nossos principaes navegadores, caso a Camara municipal, de futuro, as quizesse alli collocar.

A unica differença para nós, é que julgamos impossivel que o monumento podesse ser construido dentro das forças do orçamento marcado, isto é, 40:000:000 attendendo ás estatuas e grupos que o decorariam.

Mas isso, a nosso vêr, era uma questão a averiguar com o auctor do projecto e nunca motivo para a sua rejeição.

Emfim a nossa opinião a respeito do projecto

de que se trata é que seria elle o preferido por nós, de entre os que se apresentaram.

Além dos projectos que acabamos de analysar, havia mais dois que ficaram fóra de concurso: um de um pharol, em estylo ogival e sobrepujado pela figura do infante e o que tinha por divisa *Ad gloriam*, devido ao architecto o sr. Adães Bermudes.

Este enviára ao principio apenas um decalque muito confuso e só depois do jury ter proferido o seu *verdictum* é que remetteu dois alçados e uma vista perspectiva.

O sr. Bermudes delineára o seu monumento, formando este uma fonte monumental, que seria illuminada á noite, pelo systema das fontes luminosas que se viram no campo de Marte, em Paris, por occasião da ultima exposição universal.

A fonte, realmente muito decorativa, principiava por não se poder construir no terreno a que se destina e cuja configuração, de resto, o sr. Bermudes parece ter esquecido.

E esse esquecimento deu-se ainda com quasi todos os auctores dos projectos apresentados, excepto pelos srs. Ventura Terra e Marques da Silva, que na composição dos seus planos, aproveitaram devidamente o declive da praça.

E aqui terminamos a nossa apreciação d'este concurso, que sem duvida alguma patenteou bem, no seu conjunto, o quanto as bellas-artes teem progredido entre nós ha annos a esta parte e que excellentes artistas possuímos já, quer em escultura, quer em architectura.

Porto.

Manuel M. Rodrigues.

O TORNADIÇO

Romance histórico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

IV

(Continuado do numero antecedente)

Dois semanas depois, por uma tarde morna de setembro, Luiza tentou o primeiro passeio pela herdade, entre os cuidados das senhoras Vabos que, em signal de regozijo, tinham mandado repicar os sinos n'uma alleluia morgada.

O capitão-mór Alvim, para não ficar vencido com taes manifestações de amizade, esqueceu-se da sua gotta, e mandou despejar, á laia de salvas, doze arcabuzadas que puzeram um alarme retumbante de trovoadas nas serranias proximas.

Mas, entre todos, o mais alegre era o padre Lopo de Almeida. Além de ver a sobrinha restabelecida, o pequeno Pedro Luiz, com a therapéutica imaginosa do medico Durães, engordava e medrava a olhos vistos, pendurado no seio abundante da ama.

Por isso, n'aquella manhã, o bacharel em canones chamando á parte o velho cirurgião, exclamou:

— O dito, dito, amigo physico! Sarou me o pequeno, aqui tem as duas moedas de ouro de D. Sebastião.

— Agradecido, reverendissimo senhor, agradeço! Aquillo, na verdade, foi uma africa. O menino esteve passado!...

Arregalou os olhos, e puxou da caixa do rapé com um gesto lento.

— Triumpfos do saber! — acrescentou modestamente. — Vossa mercê toma uma pitada?

Nada! Pelo nariz, já dizia meu pae, livrar do tabaco e de esterqueiras. Mas voltando ao menino, sempre lhe digo que nunca pensei de encontrar em mãos de rapoza tanta virtude! O dianho do bicho! Ella que come gallinha, por alguma cousa é!

— Se é!

— E' verdade que tambem lá se poz o papel com o nome dos tres reis magos, que sempre são pessoas reaes, e devem ter grande valia n'isto de coisas milagrossas.

— Pois ahí é que está! Uma coisa apega a outra. E' a moda de quem vae a cavallo e dá ao mesmo tempo com a vara e o acicate na besta.

— Grande verdade, amigo physico!

No fim de outubro a familia regressou a Silgueiros D. Luiza Cordovil, com a face esbatida n'uma pallidez bassa de anemia, levantou doloridos echos de admiração na parentella de Vizeu.

Muitos, ao ver-lhe a linha do corpo emmagrecida e debil, os olhos doridos e cavados na macedura do rosto, diziam secretamente que ella herdara do pae a fatal doenca do peito, e que D. Balthazar não chegaria ao quarto anniversario do casamento, sem ter de vestir, a si e ao filho, um desolado luto de orphandade.

Entretanto os mezes passaram lentos e monotonos, intrecalados por algum sarau que longe a longe tumultuava com mundanismo profano, aquella vida placida e beata de provincia.

Em maio, D. Balthazar que, como dizia o padre Lopo, «andava despedado do mundo», foi a Lisboa assistir á profissão da irmã querida, D. Thereza, no convento de Chellas, e deteve-se lá até fins de junho, refrigerando em amizades de outro tempo, o espirito adormecido pelas longas noites do inverno provinciano. No regresso, trazia já uma pouca da sua vivacidade antiga, e, logo á chegada, alvoratou Vizeu com a nova palpitante de uma conspiração que devia estalar proximoamente em Lisboa, a favor do duque de Bragança.

Com a noticia, apresentou tambem uma lista dos conjurados mais importantes, e desenrolava a secretamente aos olhos attonitos dos fidalgos mais intimos, jurando entrar em Lisboa no dia em que o rei Philippe «viessse a terra», para dar um beijo na duqueza de Mantua e uma estocada no Miguel de Vasconcellos.

Os mais velhos achavam aquillo muito grave, e em confidencia, aconselharam D. Balthazar a que não arriscasse o socego n'esses jogos politicos: — que puzesse a lembrança no senhor D. Diogo, duque d'aquella cidade de Vizeu, apunhalado por el rei D. João II.

— E olhe que D. Philippe, caro primo, se a coisa falha, é capaz ainda de fazer peor. Na lista dos conjurados, ha fidalgos de muito respeito e de grande esforço, mas é preciso... prudencia... Trabalhos não faltam!...

— Nada, nada! Ou somos portuguezes verdadeiros ou não. Vossas mercês façam o que entenderem; eu cá, mal chegue á occasião de sahir a campo, marchó para Lisboa e não seja eu quem sou se não fizer boa tiborna com esta espada em lombos de castelhanos e de portuguezes tornadiços! Do que eu tenho pezar é de que o duque de Olivares não esteja lá, porque havia de ser por elle o começar!

E estes excessos do antigo estouvado, já começavam a pôr na familia um vago receio de infortúnios tragicos, quando D. Balthazar, á volta de uma viagem ao alto Minho, começou subitamente a faltar ás reuniões patrioticas, renovando com um ardor suspeito, a vida morgada que annos antes tivera. Pouco se detinha em casa; a meio da manhã tomava a escopeta e, n'uma alegria pagã de fauno liberto, embrenhava-se solitariamente pelos agrestes, despreocupado e ocioso, atirando cantigas e gracejos de solteirão feliz ás camponezas que encontrava.

A' hora de jentar apparecia, quebrado da soa-lheira, fazia duas caricias lansas á esposa, beijava o filho, hilariando toda a casa com estouvances de quem se apaixonara de novo pelos feitos excessivos de Roldão e Clarimundo.

— Que grande alegria traz o Balthazar!... disse um dia Luiza, na ausencia do marido.

O tio padre Lopo assoou-se com estrondo e resmungou:

— Sim, elle agora anda folgado!... Queira Deus que ali não ande marosca...

— Crédo, mano! Tambem, desconfia de tudo...

— interveiu D. Joanna de Almeida.

— Crédo? Pois saiba, senhora mana, que isto de a gente andar como um taugefolles, a babar-se de risos sem ter de quê, não é das coisas mais santas. Eu que lh'o digo, é porque o sei!

— Tambem, queria o tio que elle andasse triste, sem razão para tal? — fez Luiza.

— Que andasse triste, não senhora; mas que andasse assim, assim, como toda a gente anda, sem destemperos e galhofas por dá cá aquella palha. Que vem cá a ser, a gente dizer-lhe, por exemplo, que a tarde está de primor (como hontem aconteceu) e elle desandar logo nos abraços, com umas cantienas que aprendeu lá não sei aonde?!

— Ora, mano, todos tem os seus dias...

— E o Balthazar teve sempre um genio alegre.

— Pois sim, sim. Então digam-me lá, já que são tão doutoras, o que faz elle todo o santo dia por esses montes e vales? Caçar, não vae, porque ainda cá não appareceu lebre ou perdiz em que se podesse metter dente; em casa de amigos tambem ninguem o vê... Aonde se some elle, então?

— Só sé anda lá n'esses malditos arranjos da conspiração e não diz nada para não nos assustar... — aventurou D. Joanna de Almeida, erguendo, devagar, os olhos para o irmão.

— Sim, — reforçou immediatamente Luiza, — nem é outra coisa. Permitta Deus que lhe não succeda alguma!

— Qual conspiração nem qual carapuça! Ainda hontem, o Ruy Lopes de Bordõhos, que é o mais animado n'essas coisas de patriotismo, me perguntou o que era feito do senhor D. Balthazar de Lara, que ha tanto tempo não apparecia. Eu encolhi os hombros á pergunta, mas, a fallar verdade, fiquei passado!... Acho que o conde de Val-de-Bouro, o pae de elle, não errava muito quando me disse que aquelle filho, lá em certas horas, não regulava muito bem do juizo.

— Pois elle disse-lhe i so, mano? — interrompeu D. Joanna, vagamente assustada.

— Disse, sim, senhora, mas eu não acredito n'essas lérias. Ali, o que falta, é coisa seria que o prenda... Lembra se a mana de ouvir fallar no senhor rei D. Sebastião?

— Se lembro! Tinha eu cinco annos, quando o nosso pae, que Deus tenha, lá foi com elle para a Africa.

— Pois eu lá de isso não me lembro porque pouco mais teria de anno e meio, mas sempre lhe digo, mana e senhora, que o marido da nossa Luiza, é tal qual aquelle rei: sem rei nem roque!

— Crédo!

— Sem rei nem roque! — repetiu o padre, com mais fogo. — Mas haja o que houver, as coisas hão de tomar caminho. Eu cá estou, e não é um alfarricoque como o senhor D. Balthazar de Lara, que me faz ninho atraz da orelha!...

Aquellas suspeitas, denunciadas assim com o ar confuzo de impertinencias de velho, eram, como o padre Lopo de si para si dizia, um entroito, uma arteira medida de politica domestica.

— Porque eu — argumentava elle, quando estava só — não quero responsabilidades na consciencia.

O misterio das sortidas do sobrinho, tinha cahido no meio da sua pacificação inerte e feliz, como um subito presagio de infortúnios e discordias. Inconscientemente, sem tentar esforço algum, vieram um dia dizer-lhe que D. Balthazar de Lara, tinha e mantinha algures, n'uma escondida casinhola rustica, uma linda rapariga, judia de raça, porquem o fidalgo andava louco de amores.

Estimulado por estas informações, tão cortadas de reticencias pudicas, o padre deu um urro de indignação e poz immediatamente em campo um velho creado, vigilante e discreto.

Veiu a saber então que a amante do sobrinho era uma tal Manuela Sanchez, de alcunha a *Gaya*, filha de pae desconhecido e de mãe hebreia, queimada em Sevilha nas fogueiras do Santo Officio.

Dias depois, um primo solteirão que morava para os lados do Briteiro, affirmou-lhe que a rapariga era o corpo mais perfeito que havia entre christãos e herejes.

— E o palmo da cara, reverendo primo? Só queria que vossa mercê o visse! E' de arear o juizo ao mais sizoço.

— Homem! grande maravilha é então a tal manceba! — fez o padre, ferrando o beijo com espanto.

— E ainda para mais, tem tal geito de olhar e de menear-se!...

— Isso é vicio lá da terra. Ouvi dizer que ella nascera em Sevilha.

— Lá tanto não sei; mas o que lhe posso dizer é que creatura mais galante, não cobre a roda do sol. E os olhos? Adivinhe vossa mercê, se é capaz, a côr de elles!

O padre Lopo declarou que não sabia, mas como a rapariga era hereje, parecia-lhe que deviam ter côr de coisa diabolica... E depois de estas reflexões, acabou por dizer que os olhos da tal judia tinham decerto uma côr avermelhada de lavareda infernal.

O outro ergueu os braços n'uma larga mimica de protesto:

— Não senhor, não senhor! Os olhos são verdes, verdes como herva tenra. E' por isso, acho eu, que lhe chamam a *Gaya*.

— Estou varado! Sempre a moça é coisa de peccar...

— Uma verdadeira serva de Satanaz! — respondeu fagosamente o informador. — O senhor seu sobrinho teve escolha de homem entendido, mas a moça mais dia, menos dia, estoirá, como a mãe, nas fogueiras da Inquisição. E aquillo, se lhe chegam lume, reverendissimo senhor, arde mesmo sem achas nem pez!

Sabidos estes horrores, o bacharel em canones começou a ensaiar-se para accometter o sobrinho transviado, estudando phrases de effeito, velhas sentenças de moral domestica, para deixar cahir como penedos sobre a ignominia d'aquelle tresvariado adultero.

Uma tarde, por fim, cansado já d'aquella ideia torturante que absorvia todas as suas vigílias, resolveu derer D. Balthazar, quando elle já transpunha o largo portão da casa, na sua habitual sortida:

— Senhor sobrinho, faça favor de me esperar ahí fóra; temos que fallar.

D. Balthazar parou, vagamente desconfiado; entretanto respondeu com voz jovial:

— A's ordens, reverendo tio!

O padre desceu á rua, e os dois seguiram silenciosamente por um deserto córrego marginado de silveiras. Ao fim de alguns minutos vendo a mudex teimosa do velho, D. Balthazar murmurou com fingida despreocupação:

— Então que ha?

O padre, aquella pergunta subita, sentiu que toda a erudição estudada se perdia nas névoas do seu espirito indignado, e apenas exclamou com impeto:

— O que ha?... E' essa historia da judia que vossa mercê para ahí tem e mantém, com escandalo de toda a gente! E' isto o que ha, senhor sobrinho, uma patifaria de marca!

D. Balthazar, estupefacto, apenas teve esta palavra, dita com um accento molle:

— Patifaria?!...

— Patifaria, sim senhor!

Pois como quer que eu chame á ingratidão com que vossa mercê foge de ao lado da esposa, que é uma innocente, para ir encher-se de peccado com uma manceba que nem sequer sangue christão tem? Onde estão os seus brios, senhor sobrinho?

O temperamento despotico e arrebatado de D. Balthazar, inflammou-se ás palavras duras do velho. Pouco habituado a encontrar opposições no caminho livre dos seus desejos, e demais, vendo na sua infidelidade conjugal um caso futil e vulgar, sem a importancia que as severidades montezinhas do padre Lopo exageravam, respondeu com uma fria rudeza:

— Ora, senhor tio, saiba que eu, da minha vida, não dou contas a ninguem.

E como o padre o olhasse assombrado por aquella revolta, o moço repetiu intimamente, com mais força:

— A ninguem!

E desandou com passo nervoso por um cotovello do atalho, deixando o velho absorto, meio tonto no meio do caminho.

(Continua)



REVISTA POLITICA

N'estes tempos que vão correndo, já nada nos surprehe com respeito á politica do nosso paiz.

Tudo se deve esperar d'este meio, e por mais que as gentes se admirem mais lhes restará para admirar.

A ambição insofrida cega todos e não ha meios ante os quaes hesitem, se por esses meios se lhes affigura chegarem aos fins.

O natural amor patrio, a natural dignidade humana, os rudimentares principios de honra e de brio, nada impede que se commettam as maiores torpezas, se n'isso vae algum interesse que se julga legitimo, pela desorientação em que tudo anda.

Com a mesma facilidade com que se inventa uma peta do primeiro de abril, se inventa e faz publico uma noticia politica da maior gravidade, em que se põe em jogo os brios da nação, como se qualquer afronta feita á nação não fosse o

mesmo que uma afronta feita a cada um dos seus subditos.

E' o que se pôde dizer de um *ultimatum* da França, que appareceu publicado no *Correio da Tarde* e na *Batalha*, dois jornaes de Lisboa, que não hesitaram em publicar a noticia de um *ultimatum*, cuja proveniencia ao certo ainda não souberam explicar.

Esta noticia, que é o acontecimento mais importante d'estes ultimos dez dias, tem sido o toque de alarme para a imprensa estrangeira, a qual está publicando noticias pouco agradaveis acerca das relações entre Portugal e França, que não deixam de ser inspiradas pelas noticias alarmantes dos citados jornaes portuguezes.

São sebidas de todos as negociações em que o governo portuguez tem andado com os credores estrangeiros da Companhia Real dos Caminhos



D. PEDRO ALEXANDRINO DEL SALAR

MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DA REPUBLICA DO PERU EM MADRID E LISBOA

de Ferro Portuguezes, assim como toda a gente que sabe um bocadinho de direito, sabe até onde essas negociações pôdem chegar, e por isso é bem de saber qual o grau de gravidade a que pôdem chegar as relações do governo portuguez com os governos das potencias que se interessam pelos creditos que os seus subditos tem sobre a referida companhia.

Essas relações não pôdem deixar de se encaminhar para uma solução pacifica, em que se chegue a um accordo razoavel, respeitando se reciprocamente os interesses do governo portuguez e o dos mencionados credores, isto sem rotura de relações nem quebra de dignidade de parte a parte.

E' por isto que todas as noticias, quer publicadas em jornaes estrangeiros, quer em jornaes portuguezes tendentes a aggravar a situação de Portugal, não passam de especulações politicas ou de especulações de bolsa, tanto mais condemnaveis quando é a imprensa portugueza que se presta a essas especulações.

Não podemos, porém, deixar de notar uma circumstancia que se deu com a tal noticia do *ultimatum* da França.

Os jornaes que noticiaram este *ultimatum*, disseram que sentiam muito que tal facto se desse, mas ao mesmo tempo punham-se ao lado do governo francez e censuravam amargamente o governo portuguez, a quem deitavam as culpas.

Ora dado o caso que tudo fosse verdade, e que o governo actual cahisse em resultado d'este incidente, como se haveria a opposição, se fosse chamada ao poder, para defender os interesses d'este paiz?

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Martyrios e Rosas, versos de Alexandre Luiz da Costa, prefaciados por João José Jara. Lisboa 1894. — Tem este titulo primaveril, vinte composições poeticas que formam o formoso livrinho que temos presente. Por ellas se deduz o quanto ha a esperar do novel poeta Alexandre Luiz da Costa.

Martyrios e Rosas lhes chamou elle; martyrios porque synthetizam os primeiros poemas d'um coração dolorido, rosas porque são as primeiras flores d'uma alma impressionavel, como o são a de todos aquelles, que tem tambem vinte annos.

Este novo livrinho, producto do trabalho d'um novo, é tambem a primeira obrinha que vemos impressa n'este novo anno, cujos primeiros dias correm parallellos com a bonita anthologia poetica que constitue o pequeno livrinho: o actual anno começou com formosissimos dias, assim o gracioso escripto, que se nos apresenta, começa por versos bonitos e assemelhando-se ainda mais, porque os tem doloridos com os tristes dias enevoados e chuvosos.

D'este doce mixto, envolto n'um prefacio, devêras bem escripto, resulta uma agradável leitura em que a amenidade se casa, se justapõe n'uma perfeita congruencia com a encantadora singeleza do livro.

Diccionario Chorographico de Portugal (parte continental e insular) designando a população por districtos, concelhos e freguezias, a superficie por districtos e concelhos, etc., etc.; por F. A. de Mattos.

Empreza Editora «O Recreio». — Lisboa. 1893. Recebemos esta obra a qual forma um grosso volume de mais de oitocentas paginas, e na qual methodicamente se designam: «todas as cidades villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes, a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar, as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, postaes, telegraphicas, telephonicas, do serviço de emissão de vales de correio, de encomendas postaes, repartições com que as diferentes estações permuam malas, etc., etc., etc.» formando um livro apreciavel pelo innumero das indicações preciosas que encerra, e extremamente util porquanto é uma das raras obras em que essa utilidade se mostra irrefragavel e indiscutivel.

Ao prestante editor o sr. João Romano Torres, agradecemos o exemplar com que nos brindou.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 — Lisboa